

## **Banquete de corpos: enlaces entre histeria e feminilidade**

Sílvia Tony Santos de Oliveira

(Universidade Federal da Paraíba; E-mail: <silviophoenix@hotmail.com>.)

Jeane Lima Aragão

(Universidade Federal da Paraíba; E-mail: <jeanelaragao@gmail.com>.)

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

(Universidade Federal da Paraíba; E-mail: <hermanorgs@gmail.com>.)

Ao longo dos séculos, a histeria se mostrou enigmática e resistente ao conhecimento científico. Desde os egípcios, mas, principalmente, nas culturas greco-romana, a *hystera*, como era conhecida inicialmente, sempre esteve imbricada com a sexualidade feminina, muito embora alguns de seus sintomas não apresentassem relações diretas com tal diagnóstico. Todavia, diante dos olhares perplexos de nomes da medicina clássica, como Hipócrates, esse fenômeno resistia a uma padronização ou suas formas de encenar as insatisfações femininas. No período do medievo, a igreja é incumbida do papel da medicina e, fazendo uso do discurso da salvação, considera os fenômenos históricos como arquiteturas demoníacas erguidas sobre os pilares de uma sexualidade pecaminosa. Chegado o século XIX, a histeria começa a se desvincular das amarras da ignorância e do estigma marginalizado, a partir dos primeiros estudos de Jean Martin Charcot (1825-1893 e posteriormente com o jovem neurologista vienense Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) que através de suas pacientes, estreita os laços entre o fenômeno de conversão e a feminilidade. Freud também se confronta com a irregularidade ou multiplicidades de manifestações sintomáticas, porém propõe a etiologia de tais manifestações a partir da história edípica de cada paciente. Através da interface literatura e psicanálise, propomos refletir acerca da arquitetura da feminilidade da personagem CDL, na obra *A casa dos budas ditosos* (1999), de João Ubaldo Ribeiro. Refletir a respeito de como se estabelecem os enlaces entre histeria e erotismo na estruturação psíquica da personagens é um dos motivos que nos motivam na formulação dessa pesquisa.

**Palavras-chave:** Literatura, Psicanálise, Histeria.

### **1- INTRODUÇÃO:**

Ao longo dos séculos, a feminilidade<sup>1</sup> tem se mostrado como algo a ser estudado de acordo com o contexto histórico em que está inserido. O conceito de feminino nas sociedades clássicas, por exemplo, apresenta distorções latentes em relação às visões sobre os estereótipos femininos do medievo, da renascença entre outros momentos históricos. Assim, é bem verdade que ser mulher no século XIX não é o mesmo que ser mulher nos dias atuais. Cada sociedade impôs seu modelo ideal de feminino de acordo com suas necessidades e de acordo com os parâmetros do patriarcado vigente.

---

<sup>1</sup> A terminologia aqui empregada difere do termo feminismo ou movimento feminista. Feminilidade é o termo psicanalítico para se referir aos conjuntos de pulsões orais, anais, genitais, normalmente com tendência passiva e aspectos sócio-culturais que referenciam o conceito de feminino.

Nos mais variados contextos sócio-históricos, a histeria esteve amalgamada a imagem do feminino. Nessa perspectiva, o fenômeno histórico esteve imbricado a sexualidade feminina e, na visão da medicina, até meados do século XIX, com o advento da psicanálise, o antídoto para esse mal do útero, como foi denominado desde as culturas greco-romana até o período oitocentista, era o a cópula. O pênis era o remédio receitado na profilaxia desse fenômeno e essa visão perdurou por vários séculos.

Entretanto, contrariamente a perpetuação de seu possível antídoto, a histeria se mostrou insinuante ao longo do tempo. As múltiplas manifestações somáticas se configuraram de diversas formas, nos mais variados contextos culturais. Essa inconstância ou melhor essa falta de linearidade dos sintomas históricos desafiou a ciência, a religião e até filósofos. Se o feminino era amordaçado e moldado de acordo com as conveniências de cada século, a sintomatologia múltipla da histeria foi a subversão de tais mordanças culturais.

As históricas de Freud não encenavam em seus corpos as mesmas metáforas corporais ostentadas pelas históricas de Hipócrates, Platão ou até mesmo do Príncipe dos metódicos Sorános de Éfeso (Séc. I). Todavia, o fio condutor da sexualidade perpassa todas essas mulheres. Sendo assim, nossa pesquisa se debruça sobre a obra *A casa dos budas ditosos* (1999), de J. Ubaldo Ribeiro na qual vislumbramos o fenômeno histórico como aspecto constituinte da feminilidade da personagem CLB.

Após receber algumas fitas com gravações em que a protagonista de 68 anos narra suas próprias aventuras sexuais desde a adolescência na fazenda dos avós, o autor da obra decide transcrever as narrativas que culminaram na obra que divide leitores e críticos com relação a veracidade dos fatos. As fronteiras entre o ficcional e real se confundem. A compulsão de CLB em possuir inúmeros parceiros sexuais diz mais do que aventuras eróticas, mas encena uma das múltiplas faces da sintomatologia histórica: a sexualidade compulsiva e exacerbada como forma de sanar as próprias faltas e angústias. Na próxima seção, tecemos algumas reflexões teóricas acerca das relações entre sexualidade e histeria.

## **2- Histeria e sexualidade: fronteiras entre *Eros e Thanatos***

*No auge da paixão erótica, a fronteira entre o ego e o objeto corre o risco de se tronar indefinida. (FREUD Apud ETZLSTORFER; NOMAIER, 2017, p. 100)*

Como dito anteriormente, a histeria se caracteriza como um fenômeno que não se manifesta a partir de uma regularidade de sintomas. Essa dificuldade de padronizar essas manifestações desafiaram a ciência ao longo dos séculos. A racionalização não conseguiu, de forma satisfatória, conceituar a *Hystera* de forma fixa e pragmática. Essa constante necessidade, até certo ponto, compulsória, que o homem apresentou historicamente, de definir plausivelmente a histeria, segundo Israel (1995) é vista como mais uma tentativa de moldar, reduzir o feminino a um conjunto ou modelo fechado.

Essa posição da autora nos auxilia nas reflexões no que diz respeito ao posicionamento da ciência, ao longo dos séculos, sobre a etiologia da histeria ligada ao útero como forma de minimizar o caráter enigmático do fenômeno, mas também, como forma de não reconhecer a fragilidade de um corpo científico, dominado por homens, que se mostra confuso e ineficiente em descobrir a origem de toda uma gama de sintomas até então restrita ao feminino. Aceitar a incapacidade de desvendar as brumas da histeria seria, de certa forma, ascender o feminino acima dos homens.

Em *Estudos sobre Histeria* (1895), Freud discorre sobre suas primeiras postulações com relação aos fenômenos históricos vivenciados através de suas pacientes em Viena. Além das variações sintomáticas que estavam entre estrabismos, desmaios, delírios, afonia, cegueiras, paralisias motoras entre outras, o psicanalista vienense observa, através da hipnose e depois por meio do método da associação livre, que todos esses fenômenos apresentavam uma ligação com alguma experiência ou fantasia de caráter ou conteúdo erótico, normalmente relacionadas com as figuras parentais.

Ana O. foi um dos casos que Freud descreveu nessa obra de 1895. Inicialmente, o psicanalista concebe a jovem de vinte e poucos anos como possuidora de uma grande capacidade intelectual e beleza, contudo criada em uma família de costumes puritanos, Ana O. apresentava uma indiferença a sua vida sexual. A doença veio agrava-se, outros sintomas como delírios e paralisias dos membros começaram a surgir, após a doença do pai e o impedimento da filha de continuar com os cuidados prestados àquele. Seguindo Freud com a análise do caso, afirma que ao se colocar como cuidadora do pai, Ana O. ocupava, assim, o lugar e o papel da mãe, com a qual já apresentava um relacionamento conflituoso. Era pela doença, que Ana O. poderia ter o pai e se tornar aquela que ele desejava.

Entretanto, a histeria e o erótico não estabelecem suas imbricações apenas no âmbito dos sintomas de conversão simbolizados ou manifestados no corpo. Durante a relação médico/ paciente

Freud observou o desenvolvimento do fenômeno de transferência no qual a paciente transfere inconscientemente para a figura do médico toda a pulsão erótica recalçada. Sobre isso, afirma-nos Freud:

O fato do surgimento da transferência em sua forma cruamente sexual, quer afetuosa quer hostil, em qualquer tratamento de uma neurose, embora isso não seja nem desejado nem induzido pelo médico ou pela paciente, sempre me pareceu a prova mais irrefutável de que a fonte das forças impulsionadoras da neurose está na vida sexual... Quanto a mim, esse continuou sendo o argumento decisivo, além dos achados mais específicos do trabalho analítico. (FREUD *Apud* BRITTON, 2012, pag. 40)

A psicanálise se desenvolveu como ciência e, com isso, autores pós-freudianos se debruçaram sobre os fusionamentos entre histeria e psicanálise. A histérica se apresenta como uma eterna insatisfeita não apenas nas relações com os outros, mas com relação ao próprio *self*. Essa insatisfação é levada também ao âmbito de uma sexualidade que se apresenta nebulosa e conflituosa, pois pode se dividir, ao mesmo tempo, entre um erotismo exacerbado e um rechaço da mesmo.

A leitura de Nasio (1991) sobre a neurose histérica e sua sexualidade se mostra bem esclarecedora. De acordo com o autor, a sintomatologia histérica apresentaria duas vertentes de conversão que não se excluem, mas que uma se mostra mais latente na subjetividade do sujeito em relação a outra. Uma seria a conversão global que estaria ligada ao corpo todo, ou seja, essa manteria influência sobre a sexualidade/erotismo do indivíduo sobre seu corpo. Outra vertente seria a conversão restrita a uma parte do corpo logo um sintoma que se instala em locais mais específicos do corpo.

Ambas conversões teriam em sua etiologia uma angústia arcaica que levaria o histérico a uma dupla conversão e expressão dessas insatisfações inconscientes. Nossa pesquisa apenas se debruçará sobre a conversão global, logo o erotismo do corpo, algo que, em alguns casos pode suscitar em um sujeito estigmatizado por um paradoxo, por vezes, inconciliáveis na sua vida sexual: uma erotização do corpo como um todo e uma certa resistência à erotização das zonas genitais. Entretanto um esclarecimento se faz necessário, em nosso entendimento, sendo assim, deixemos que o próprio Nasio:

Deixemos claro, desde logo, que a inibição genital de que falamos se traduz na vida sexual do histérico, não, como se poderia supor, por uma indiferença perante a sexualidade, porém, na maioria das vezes, por uma aversão, um verdadeiro nojo de qualquer contato carnal. A inibição sexual histérica não significa retraimento, mas movimento ativo de rechaço. (NASIO, 1991, p. 44).

Ao contrário do que se pensa no senso comum, a sexualidade humana não se restringe ao contato ou relação sexual através da cópula entre os órgãos genitais. E, com muita perspicácia, o histérico sabe discernir esse equívoco. A necessidade de vivenciar o erótico está latente nas múltiplas pulsões que erotizam as diversas regiões do corpo. A sexualidade é vivenciada sim através de um corpo que encena as mais variadas formas de sedução. *Eros* habita o corpo histérico. Essa é a principal arma na arte de seduzir o outro. Assim, o que ocorre é um rechaço das pulsões ligadas a região genital. Algo que acarretaria em dificuldades de obtenção de prazer através das genitálias, aqui jaz *Thanatos*.

Não obstante, não se torna uma regra única e infalível que o sujeito apresente todos os sintomas histéricos de forma regular e homogênea. Aliás, essa foi a tentativa de Jean Martin Charcot e seus primeiros estudos na Salpêtrière.<sup>2</sup> As conversões sintomáticas estão imbricadas com a história edípica e a subjetividade psíquica do indivíduo, ou seja, podemos vislumbrar sujeitos que podem apresentar um transbordamento libidinal em sua vida sexual, sem apresentar alterações nas pulsões genitais. Logo “é deste mundo sexual infantil, deste mundo inconsciente, desta realidade psíquica, que brotarão os sintomas psicopatológicos e no qual terá que transcorrer a genuína investigação psicanalítica.” (MAYER, 1989, pag. 24)

Obviamente, como nossa personagem do corpus é feminino, doravante iremos nos ater a sexualidade da mulher na perspectiva da histeria. Israel (1995) afirma que a histeria feminina é caracterizada, primeiramente, por uma insatisfação consigo mesma. Apesar de possuir uma capacidade de sedução bastante significativa, a histérica se utiliza desses mecanismos eróticos e de conquista para realizar um engodo das lacunas presentes no seu Eu que são originárias dos períodos arcaicos edípicos de tenra idade.

Desta maneira, a neurótica busca uma perfeição no Outro que seria “as muletas” para lidar com sua própria falta. Mas que falta seria essa? Para responder a essa questão recorreremos às contribuições da referida autora, mas principalmente às primeiras experiências de Freud com as histéricas, pois “a mulher, diz Freud, é desprovida do pênis. É esse o motivo do sofrimento das neuróticas, o *penisneid*, a inveja do pênis. (ISRAEL, 1995, pag. 106)

---

<sup>2</sup> O hospital salpetriere se tornou referência mundial nos estudos neuro/psiquiátricos principalmente a partir dos estudos iniciados por Charcot em 1862.

Tanto Nasio (1991) como Israel (1995) comungam da ideia de que a histérica sofre por suas fantasias arcaicas com a figura materna, supostamente fálica, ou como o próprio Nasio prefere se referir mãe-falo, que culminam em sentimentos de desilusão e ódio. Ao reconhecer no sexo oposto a presença do pênis/falo, a garotinha reconhece-se como (*des*) aparelhada daquilo que seria a fonte vigorosa de seu poder. A figura materna, também descoberta como não possuidora do falo, algo que gera o sentimento de engodo na criança, é concebida, pela menina, como a culpada de não lhe ter algo parecido com aquilo que o menino ostenta e lhe garante força e o faz se sentir poderoso.

Com relação a esse dilema do Édipo feminino, Freud em *Feminilidade* (1932) utiliza o termo inveja do pênis para nomear tal conflito. Em outro texto intitulado *Édipo*, Nasio (2007) discorda de Freud no tocante a utilização desse termo. Para ele, o termo angústia é mais adequado no complexo de castração do menino, pois esse, sim, tem algo a perder, ou seja o falo, e a apreensão da perda da fonte de seu poder resultaria em angústia. A menina apresenta, segundo o autor, uma dor de ser enganada pela mãe-falo que não possui o falo e não lhe deu um igual. A menina passa por período de desolação, no qual a dor da ausência de algo, que lhe oferte uma identificação, é inevitável. Desde os primórdios o feminino se confronta com o vazio e o continente obscuro que lhe caracteriza e que surpreendeu Freud.

Através da sensualidade que lhe é intrínseca, a histérica busca, através de suas formas de sedução tanto corporais: sorriso, olhar, formas de andar, entonação de voz ou como adereços: roupas, maquiagens, penteados, a obtenção de um Outro que consegue se transformar metaforicamente em seu falo, adequando-se, assim, momentaneamente, aos contornos da angústia, que se encontra nos pilares da *Hysteria*.

Assim, o feminino, movido por *Eros e Thanatos* amalgamados e metaforizados na histeria, faz uso de um conjunto de atributos e fatores, com a finalidade de encenar para seu público/prestadores, um ser perfeito, seguro de si e acima de tudo detentor de uma capacidade sedutora formidável, mas que, na realidade, possui uma imagem autodepreciativa e insatisfeito. Vale salientarmos que não dimensionamos a histeria apenas em suas circunscrições patológicas como professa a ciência durante séculos. Associarmos Thanatos na constituição histérica diz respeito a busca incansável que o mesmo impõe ao indivíduo de caminhos tortuosos, pois todos são fadados ao fracasso, na tentativa de lidar com a tormenta da falta fálica.

Ao que nos parece, se pensarmos em uma relação entre sexualidade histérica e as estruturas do funcionamento psíquico, podemos observar um ego, que desde os primórdios da fase fálica, em

uma perspectiva freudiana de formação do Eu, confronta-se com algumas problemáticas. Obviamente, a culpa e a angústia diante do amor inatingível direcionado as figuras parentais leva o ego a se acarear com uma dualidade sentimental contraditória que culmina em levar o indivíduo a amar e odiar o (s) mesmo (s) objeto (s) como bem afirma Nasio (2007). Sendo assim, esse conflito existente no *Eu* se tenciona com um superego tirânico que impõe ao *Ego* a depreciação a si próprio como forma de reparação ou fustigação pelos desejos fomentados e direcionados às figuras parentais em outrora.

A outra questão seria a problemática identificatória peculiar da histérica. Freud (1921) acentua o caráter da identificação do ego, que apresenta uma relação de identificação com outro ego considerado ideal, copiando, assim, os traços que o constituem. Traços esses que podem ser características comportamentais ou sintomas. De acordo com Mayer (1989), durante a trajetória edípica a menina faz uma travessia nebulosa entre os édipos negativo e positivo na qual a relação com esses pais e suas funções simbólicas se tornam conflituosas.

O ego da menina apresenta dificuldades em reconhecer e assimilar as características desses Outros. Os significantes materno e paterno não são internalizados de forma satisfatória e isso acarreta inclusive problemas de identificação do Eu na sexualidade. Segundo Mayer (1989) essa problemática identificatória acarreta em um indivíduo que vivência cada relação sexual como um *Déjà vu* das cenas edípicas incestuosas primitivas, diferenciando, assim, as relações sexuais genitais de suas relações amorosas.

Conforme discutido, os objetos sexuais da histérica adulta encenam suas fantasias primeiras e em cada objeto busca obter novamente a possibilidade, fadada ao fracasso, de obter o falo que lhe foi negado em ambos períodos do Édipo. A seguir, discorreremos acerca da sexualidade da personagem CDL e como se arquitetura a problemática da histeria em suas aventuras sexuais.

### **3- (Des) amparo e prazer na angústia histérica: luxúria de corpos arquiteturas de feminilidades:**

*Quero que as mulheres fiquem excitadas, se identifiquem comigo, queiram me comer e comer todo mundo que nunca se permitiriam saber que queria comer, quero criar um clima de luxúria e sofreguidão. (A CASA DOS BUDAS DITOSOS, 1999, p. 131)*

Transgressiva, subversiva, insurreta esses são apenas alguns adjetivos, que de forma bem limitada, podem caracterizar a personagem CDL. A senhora de 68 anos, segundo a própria, nos apresenta um arquétipo de feminino que vai de encontro com os paradigmas patriarcais vigentes e cristalizados a séculos na sociedade ocidental. Uma mulher que, acima de qualquer coisa, rechaça o modelo submisso de mulher e ascende o erotismo feminino acima de *tabus* religiosos, culturais e morais.

A protagonista tem sua origem em um berço familiar, por muito, contraditório em suas práticas e ideais. Criada no seio de uma família de crença católica fervorosa, teve rígida educação na companhia dos avós e pais. Entretanto, a estruturação familiar se apresentava em ruínas com relações de traição da mãe em relação ao pai e por abusos sexuais que a personagem, quando criança, sofria do seu tio. Assim, nesse contexto se ergue um modelo de mulher que vivenciando sua sexualidade, vai ao encontro de valores sócias inquestionáveis, e ao fazê-lo, denuncia as estruturas morais deterioradas e hipócritas quanto ao sexo.

Antes de analisarmos as aventuras sexuais da personagem, parece-nos salutar refletirmos acerca do ego da personagens e suas vicissitudes. CDL faz referência constante, em sua fala, à uma amiga que atende pelo nome de Norma Lúcia. A protagonista encontra nessa amiga sua companhia nas aventuras eróticas que vivencia no estado da Bahia. Vejamos como CDL se reporta a referida personagem:

Mas nunca cheguei a ser como Norminha. Ela era diferente, era realmente completa, sempre tive uma certa inveja dela. Inveja sadia, eu não queria tirar o que ela tinha, queria somente ter também o que ela tinha, ou melhor, ser como ela era. Uma inveja a favor de admiração (...) (A CASA DOS BUDAS DITOSOS,1999, p.51)

CDL, durante seu depoimento biográfico, deixa latente essa identificação marcante com Norminha, como ela mesma chama. Norma Lúcia, é retratada como uma mulher sensual, possuidora de uma habilidade sedutora sem igual. Segundo a narrativa, os homens da cidade se mostravam extremamente atraídos e galanteadores para com a mesma. Ela, por sua vez, tinha o poder de conquistar o homem que desejasse.

A feminilidade de Norminha é o modelo de identificação para o ego de CDL que, muito provavelmente, fragilizado no tocante ao processo de identificação com a feminilidade materna,

encontra nesse Outro sua referência do que é ser mulher. A feminilidade de Norma Lúcia se transforma no sintoma, no traço do Eu que CDL faz uso para dar contornos a sua própria sexualidade. “A este respeito, Freud postula que “a identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos (...). (GORI, 2007, p.69).

Sobre o processo de identificação na histeria, assim se posiciona Israel:

Se a histérica se volta para as mulheres é porque ela tem uma pergunta a lhes fazer, pergunta que ela própria não pode responder. Ligar-se a uma mulher como um modelo ideal não pressupõe um desejo preciso para essa mulher, mas a esperança de um dia saber viver como ela. (ISRAEL, 1995, p. 109)

É indispensável refletirmos acerca daquilo que, ao longo dos séculos, trouxe uma fama não muito admirada a histérica: sua sensualidade. A mulher histérica, na busca de sua própria identificação, encena as múltiplas faces do feminino. Talvez não exista aforisma lacaniano melhor para definir a histérica do que “A mulher não existe”. Verdade! Não existe o conjunto definido. A histeria permite que o indivíduo encena variados papéis, variadas formas de um feminino que exala erotismo, como na cena em que retrata a sedução da protagonista durante a conquista do seu professor universitário: “E Então eu joguei tudo em cima dele, cada detalhe do vestido, do decote abotoado descuidadosamente, das sobancelhas, da boca, dos ombros, do pescoço, dos joelhos, dos pés, dos quadris, das pernas, eu sabia, eu sabia tudo.” (A CASA DOS BUDAS DITOSOS, 1999 p.70). Aqui, o significante da inocente mocinha estudante, mas sedutora dá os contornos da feminilidade de CDL. Entretanto, lembremo-nos: é no Outro que a histérica busca a confirmação de si mesma. E ainda sobre seu amante ela afirma: “ele preenchia as condições objetivas e emocionais, pronto, falava à minha neurose. (A CASA DOS BUDAS DITOSOS, 1999 p.62).

A histeria é um fenômeno, que por ser constituída por múltiplos sintomas, apresenta-se conflitante diante de uma categorização científica que busca normatizar suas várias manifestações. O transbordamento libidinal se exterioriza, como sintoma de conversão, tão quanto as afonias, estrabismos, paralisias, desmaios encenados pelas múltiplas mulheres ao longo dos séculos como forma de ostentar um feminilidade que se confronta com a estrutura patriarcal regente desses contextos sócio-históricos. Não é à toa que, para Kehl (2017), a histeria se apresenta ora como um refúgio, ora como uma forma de subversão de valores que aprisionam a mulher em um estereótipo de feminilidade que atende a manutenção da ordem patriarcal.

Sendo assim, além de encenar um falta, uma angústia fálica normalmente gerada no período edípico, a histeria entorna as delimitações de uma patologia e se condiciona como umas das múltiplas facetas da feminilidade. Na personagem do *copus*, essa realidade não se distancia desse panorama: CDL ao mesmo tempo que narra suas aventuras sexuais, denuncia a hipocrisia com o qual a sexualidade é vista pela sociedade patriarcal. O desejo erótico da personagem, assim, configura-se como uma reação diante de um conceito de sexualidade ligado à heteronormatividade, ao prazer masculino e ao sexo como procriação.

As cenas a seguir denotam de um feminino histórico que, através de seus extravasamentos libidinais, confronta e questiona valores cristalizados do patriarcado: a família, a religião e a relação sexual heteronormativa. A cena a seguir descreve uma relação sexual da personagem com seu irmão consanguíneo, ou seja a consumação do incesto. Vejamos como se desenvolve a narrativa:

Fiz isso muito (...) eu e uma amiga, por exemplo, curtimos intensissimamente uma noite que passamos com meu irmão Rodolfo e na qual, entre outras coisas, ficamos ambas de rabo para cima, para ele nos penetrar alternadamente. E Rodolfo era Rodolfo, fodeu as duas a noite inteira em todos os buracos e fez questão de não ser grosseiro e esporrou também nas duas. (A CASA DOS BUDAS DITOSOS,1999 p.115)

A bissexualidade é algo bastante marcante na estrutura histórica. Os conflitos arcaicos conflitos identificatórios vivenciados no período edípico ressurgem, ou melhor, continuam a serem manifestados na sexualidade adulta. As funções materna e paterna, as quais são para o sujeito suas referências de feminilidade e masculinidade, encontram-se, digamos, fragilizadas. Assim como afirma Freud (1905) que a pulsão não é definida pelo objeto, o histórico tem um propensão a viver uma conflituosa identificação quanto a sua própria sexualidade, podendo direcionar sua pulsão erótica para uma bissexualidade.

Outro aspecto é a interdição ao incesto que não se efetivou. Costa (2010) ao fazer referência à teoria lacaniana sobre o Édipo, afirma que a Lei paterna representa, além da inserção do sujeito no campo do simbólico, ou seja da linguagem, também se configura como a inserção do sujeito na Lei do interdito do incesto. Todavia, ao que nos parece, essa lei, também chamada de Nome do pai, não se efetivou de forma satisfatória para a personagem, principalmente pela fragilidade como o pai real é descrito na narrativa. O significante, aqui utilizado por CDL para contornar sua falta, é o de ser a amante ou mulher do irmão. A cena a seguir metaforiza o confronto entre o sagrado e o profano. O questionamento deste sobre aquele:

Eu adorava quando podia ser ir como mulher de padre Pat, porque ele era excelente marido e companheiro (...) ele ensinava as coisas mais escabrosas, fazendo as caras mais inacreditáveis, e eu ali, batalhando pelo Oscar de coadjuvante, aprendi muito com ele também. Às vezes ficava sentada com a boca junto ao pau dele, assistindo transportada a ele bater uma punheta para, na hora de gozar, dirigir o jato à minha boca aberta. (A CASA DOS BUDAS DITOSOS, 1999, p. 108)

Obviamente, o deslocamento feminino aqui utilizado por CDL é para a mulher profana que seduz aquele que seria, supostamente, o representante do sagrado através daquilo que o sagrado mais ostenta como virtude: a inocência. CDL se apresenta como aquela que não possui todas as habilidades eróticas e se coloca como a aprendiz do parceiro. Aquela que deveria ser iniciada. Torna-se redundante afirmar que, mais uma vez, sua sexualidade aflorada se apresenta como questionadora do patriarcalismo através de um dos seus pilares: a igreja.

Por fim, muitas passagens poderiam ser utilizadas para comprovar a sexualidade histórica da personagem como forma de questionamento das ideias do patriarcado com relação ao sexo. Obstante, ao que nos parece, todas se mostram, digamos, insuficientes para representar tal viés. Contudo, uma curta, porém bastante significativa passagem nos direciona no norte que ansiamos: “A redução é a seguinte, sabe o que é a vida? É foder. A vida é foder. “O meu enunciado é fruto de muita vivência e processamento dessa vivência. A vida é foder, em última análise.” (A CASA DOS BUDAS DITOSOS, 1999, p. 140). Assim foder é a forma de dar sustentação as suas angústias e suas dores. Foder é o sintoma que possibilita, através da conquista o do retalhamento do corpo do Outro, a jovialidade e as ferramentas que dão forma e principalmente sustentação psíquica a CDL.

A referida personagem em nada se diferencia, quanto a busca de significantes que ocupam, mesmo que momentaneamente, os vazios angustiosos da alma, de outras personagens femininas da literatura. Assim como CDL, Letícia Fernandez protagonista de *Cem homens em um ano*, de Nadia Lapa busca em seus parceiros sexuais uma forma de identificação de sua feminilidade. Algo que se mostra recorrente em históricas clássicas da literatura canônica como Emma, de *Madame Bovary* (1857) e Aurélia, de *Senhora* (1875). Kehl (2017) se posiciona de forma contundente ao vislumbrar através do enigmatismo da feminilidade e suas variantes um deslocamento inerente a sexualidade da mulher que ao fazê-los não se permite ser apenas CDL, Letícia, Emma ou Aurélia, mas um ser capaz de se deslocar em seus múltiplos significantes.

#### 4- Conclusão

Através de um discurso marcado pelo erotismo, o *corpus* apresenta um arquétipo feminino que busca, na ânsia compulsiva de devorar sexualmente corpos, as sustentações tanto psíquicas

como de um modelo de feminilidade. O transbordamento libidinal de CDL se insinua como seu sintoma histérico da personagem. Fato que se efetiva a partir da sua falta fálica, mas, principalmente, como forma de subversão de um modelo de feminino imposto pelo patriarcado e que é rechaçado pela personagem. Assim como outrora, a histeria se imbrica com a sexualidade da mulher a fim de dar vazão às reneгаções de uma feminilidade aprisionada, não podendo ser visto, o fenômeno de conversão, reduzido ao conceito de *pathos*. Se não vislumbramos no discurso de CDL as manifestações psicossomáticas de outros tempos como paralisias, desmaios entre outros, isso apenas nos diz da complexidade que caracteriza a histeria quanto ao seu estudo. Algo que estigmatizou esse fenômeno por períodos seculares.

### 5-Referências bibliográficas

- ISRAEL, Lucien. **A histérica, o sexo, e o médico**. Tradução Celia Gambini. São Paulo, Escuta Ed, 1995.
- NASIO, Juan-David. **Édipo, o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro, Zahar Ed, 2007.
- GORI, Cláudia Andrea. **Histeria feminina: a problemática identificatória**. São Paulo, Via Lettera Ed. 2007
- MAYER, Hugo. **Histeria**. Porto Alegre, Artes médicas Ed, 1989.
- FREUD, Sigmund. **Feminilidade** [1932]. Obras Completas. Rio de Janeiro, Delta Ed. 1958
- FREUD, S. **Três Ensaio sobre a Teoria da sexualidade** [1905]. Obras Completas. Rio de Janeiro: Delta Ed, 1958.
- FREUD, SIGMUND. **Estudos sobre histeria** [1895]. Obras Completas. Rio de Janeiro: Delta Ed, 1958.
- NASIO, Juan-David. **Histeria, a teoria e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro, Zahar Ed, 1991.
- ETZLSTORFER, Hannes; NOMAIER, Peter. **Pense como Freud, aforismos selecionados e grandes questões do pai da psicologia moderna**. São Paulo, Cultrix Ed. 2017.
- BRITTON, André. **Anna O: primeiro caso, revisitado e revisado In Freud: uma leitura atual**. Porto Alegre: Artmed Ed, 2012.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **A casa dos budas ditosos**. Rio de Janeiro, Objetiva Ed. 1999.